

abismo poente

whisner fraga

abismo poente



© *Whisner Fraga*
Projeto gráfico: *Alonso Alvarez*
Foto da capa: *Vicente Jr.*
Revisão: *Silvana Seffrin*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Fraga, Whisner
Abismo poente / Whisner Fraga. São Paulo: Ficções Editora, 2009.

ISBN: 978-85-62226-04-5

1. Ficção brasileira I. Título.

09-03010

CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

2009
Direitos de publicação reservados à
FICÇÕES EDITORA LTDA.
rua Corrêa Galvão, 57
01547-010 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3881-4094
www.ficcoes.com.br
editora@ficcoes.com.br

abismo poente

encontrei no álcool um pai, desde a noite alagadiça em que as

desculpas se converteram em candeias e negrumes. e fui educado para respeitar essas coisas de família. circundando a ilha artificial, onde foram assentadas as muralhas da chácara, uma represa experimentava esconder em seu leito as vidas (e quiçá as mortes) de que não nos daríamos conta, embora as daqui de dentro não superem as outras em importâncias ou condôlências, e mesmo a água, que latejando imprima ao ar a revolta de sua barriga ruidosa e inconveniente, que algum dia também sepultaremos em seus abismos os amados que ancoramos temporariamente na terra, luxuosas lápides que lacrarão as estruturas aniquiladas, passeios de submarino pela necrópole inundada, no dia de defuntos. ou é apenas o rumor da festa em seu trajeto de fim, não sei, embora nada vagalumeasse no céu quase desbotado, e aqueles olhos desamparados. os meus eram duas manchas alargadas pelo cansaço e a consciência de um único sono, quando a madrugada, abraçando o esplendor de um início de dia, decida partir.

ainda é precária sua audácia de bêbado e a minha vista alcança somente o que não pode ver, e não vê o carvão fundido em magma, mais um ou dois êxtases de chama e depois as cinzas, nem o balé do rabo hemofílico de um gato vadio, nem o capim aspirando a espessa graxa da noite, nem a comida meio fermentada que você despejou de seu estômago aos pés de um vulto que dorme ou morre, tampouco as artérias dessa laranjeira sem forças para sumir daqui. o verde sonolento da mosca que suga os carcomas de buchos largados numa quina de grama, o alvoroço tardio da cerveja despejada no copo untado e solene daquele que já nem sabe por que bebe. ainda em breve toda essa preguiça se mortificará com a raiva trazida pela pressa do esquecimento, ao se assemelharem à tropa uniformizada para a vistoria, que se apresenta ao comandante somente porque é hora. e a calda comprida do sangue que navega pelos canos congestionados da carne, em pesadas ace-

lerações de surtos, quando o arquejar desse sono infrutífero finalmente ceder seu posto ao desespero. o trote, a faina das mesas em que alguém resiste ao enigma do baralho, vacilando entre o tédio e a vontade de existência, quantos tragos a mais? a cerca tomada pelas heras e curiosos labutando a fofoca do dia. o barco se debatendo na injusta armada rumo às pedras.

a corrida.

a energia represada e indócil apalpando o entulho do medo, recuperando desses destroços a compulsão saturada da dor. os braços e as pernas se debatem em direção a uma praia, que areias e águas desistiram de encontrar. as mãos arqueadas escavando as pequenas ondas e de vez em quando abandoná-las, permitindo que a umidade assombre a respiração já entrecortada de espasmos, a cerrada penugem de algas, a vitalidade de uma conclusão que somente eu viverei, e a solidão desse vácuo renegado pela biologia, e o útero que me carrega para o retorno, e a pele láctea, e um ou outro peixe desprezado perto de latinhas de cerveja, camisinhas, bonés, e a poeira esvoaçada numa fundura de metros, agora é estar longe demais para tudo. a aragem apodrecida, três ou quatro que me acenam, vagarosos e assustados, não lhes cairia bem um afogamento, percebo que caminham para a embarcação e me deixo, sei que haverá tempo até que me encontrem. patas sulcando a concessão das águas, que se afastam para o parto, um trinado de aragens dando vez ao mugido uníssono de uma porosa e egoísta preocupação, que roguei me levassem às dunas de cimento e lodo, à lama firme, à carnificina do churrasco, à repugnante farsa dos esclarecimentos. a cólica das horas em sua companhia, o seu rosto a devorar o apetite de outras polpas, a vontade de destruir tudo que me pede, com desdém e inércia que me acalme.

o velho se diverte com a falta de dentes, *ei tio, beben a dentadura?*, enquanto escancaram suas arcadas repletas de amálgamas e

humilham o mais reles dos bípedes, sem se recordarem dos rebaixamentos a que se sujeitam todas as horas, inclusive ali, onde até o fio que os livra das farpas da picanha pertence a outro.

a cerca, o muro, a estrada de terra, a horta em desalinho, o pomar que não se abate com a falta de regas, as telhas e seu latido de argila, o caboclo que enrola o marasmo em um cigarro de palha, e o tamborilar dos cílios se afastando de meus tímpanos, e o coaxar das trepadeiras estapeadas pelo vento, agarradas a um discreto muro em frente a casa, o portão com suas veias metálicas, depois.

outrora eram as manhãs do pão, cavoucar a sua pele erodida, ressecada pelos sopros do velho forno a lenha, na solitária ceia dos que acordam muito cedo, e tatear a fenda em que cravarei o dedo à profundidade das vinganças, e de lá trarei um embrião de farinhas e ovos, consumido em polpas e bactérias, até à pressa da fome. os dias em que um bisturi retalhava as nuvens numa gana sem método, expondo nossos crânios à vaidade do sol, o asfalto inchado de espinhas que as unhas dos carros cutucavam sem cessar, as gordas e seus leques de papelão, as lojas tecendo uma monotonia de teias ancestrais, como se até o silêncio renegasse aquele fim de mundo e em seu lugar, vazio. as noites do mormaço e suas velhas a grasnar sobre o destino do vilão da novela da hora, a cal apodrecendo nos tijolos de seus pesadelos, e o filho chupado pelo relento da ambição, em metrôs de mágoa e crimes, na pressa de esquecer que a morte, como de costume, marcha muito à frente desse nosso trote imbecil, ou às nossas costas, de maneira que só a encontramos quando ela deseja.

a caruma de algodão a apagar o diminuto pêssego dos seios, helena, o coxear das pálpebras na desolação do porre, o uivo dos alto-falantes ditando a granulosa cadência das pernas, é que a válvula, libertando o sangue, rompe o dique das mentiras, os veludosos tubos que avizinham a pele, um enigmático

emaranhado de tripas, e a vida mais rápida do que a vida. ali fora um labirinto de alvenaria e demência. contudo, helena, é essa rouquidão do tempo que me deleita, é esse eco de gemidos que me afia a inveja, e, portanto, quando a sua língua, num desleixo de atriz decadente, coça o bigode gangrenado de alguém, já não sei se é para me desafiar ou se por acaso é parte daquele seu teatro, que ultimamente vinha, com destreza calculada, chamando de “busca pessoal”.

desde o último pondera, já de uma semana ou mais, que rateia a vista, que me arremessaram um túnel à cara, tão mal iluminado, helena, que nem mesmo os megawatts do meio-dia me convencem da certeza da tarde. e a irreprimível ânsia de escapular para onde não existam a prima embriagando-se com o próprio mijo, agachada como uma rã na imbecilidade de seus doze anos, nem o chá com bolachas de nata, nem a tia decompondo-se embaralhada com a ferrugem dos nervos. era a coca-cola de criança que eu queria, helena, que minha avó guardava para os netos preferidos e eu não me incluía entre eles, desejava o veneno enquanto meu corpo saudável podia, a ardência borbulhante cara demais para a mesada que nunca recebi.

e a coluna range o sedentarismo de anos, esse desânimo de líquen, em que, serpeando pomares alheios, descobre um ajuntamento de cimentos e pasto, um préstito de formigas e sua ladainha de escravas, o rugido sigiloso de pernilongos e uma árvore murcha que ladeia algumas paredes arrasadas pela violência da idade.

apalpando esse hieróglifo de nada é que, debaixo das telhas cozidas na gordura das pernas de negros, um chiado de ausências açoita-me as orelhas e não apenas ele, também uma cantilena de medrosos, e é para mim que se viram e por mim se silenciam. a estridência da mudez na minha segurança de sombra, outra aparição. ali, bem logo ali, um tablado e uns trapos que irradiam pudores de músculos e unções de brilhos, indiferentes ao absurdo de sua presença,

desde a boca, narinas e orelhas de uma velha amarrada a uma cadeira. e relinchos de sustos.

e por trás desta resina, helena, testemunho o molde de minha tia, aquela que entregou o intestino, do estômago ao ânus, para a chacina do câncer. antigamente não demonstrava esse acanhamento nem ao me ordenar que, nu, seguisse para o banho, quando friccionava meus pés até à dor do sangue e ainda assim não me achava limpo. que imundície era aquela que só ela pressentia, helena? o grupo aprovava minha perplexidade, afinal a criatura vomitada pela velha inconsciente se dirigia a mim. uma aranha içava seu abandono, esnobando as silhuetas que gesticulavam sua incredulidade de covardes e eu, persuadido de que era em vão a náusea de qualquer diálogo, ilegítimo, uma devoção de heresias a boiar na nódoa do absurdo, neguei-lhe sua pompa de fantasma, só queria sair daquela casa. e todavia, helena, era pilhar dos símbolos a praxe de uma verdade inapelável.

dilacerar o escuro, essa espuma de piche, a mobília devastada pela selvageria de cupins. então, helena, rumar para onde?

para as ruínas de um inapreensível natal, para a fanfarra no pulmão de meu avô, para sua tosse aquosa e seu catarro betuminoso de cardíaco, para o heroico cadáver a perseguir um último fôlego, para os quartos pantanosos onde o futuro pestanejava num cochilo desanimado, o cricrilar das palhas e molas do colchão enquanto eu me virava, ao tentar, mastigado pela penumbra, um arranjo para meu tronco, e o pudor por um ruído que pusesse em perigo, no cômodo ao lado, a fúria do sono de meus avós.

e na barriga um bordado de talhos e linhas, uma pavorosa cloaca desdentada, que exibia como a penúltima ceifa do fim, e dali um odor de escórias, ela, acuada pelos remédios, hospitais, médicos, enfermeiras, faxineiros, castrada pelo ódio da quimioterapia, ainda brincava: agora mais um buraco onde ele enfiar aquilo.

para a musselina, que em criança não tinha essa entonação de terna condescendência, helena, e avisto um início de corpo, encaixilhado pela angustiante borda de seus vinte anos, que é onde farejo o termo dessa inquietação abrupta, que é um chapeado de praias grudado na pele revestindo sua usual depressão, que é o apito de recolher, que é uma história de desdém encravada nos vincos da testa, que é essa tríade de sobrenomes que lhe dá o dinheiro e a arrogância para amansar o mundo, que é.

às baratas impacientes que surfam nas folhas das seringueiras, pontilhando as travessas com sua agonia de excrementos, ratos famélicos, cautelosos, vigiando as presas, e já não adivinham quando beliscarão outro cadáver, a modorra emburrada em suas costas, o céu um borrão alaranjado empestando de calor a brisa, os mortos cozinhando em seus poços envergonhados, onde os ossos vizinhos suam. é assim que os quarenta graus turbinam a viagem ao pó, assim que me questiono das roupas, helena, não seria mais acertada uma morte nua nestes trópicos que inspiram até o inferno?, assim que folgo meu colarinho ao contemplar o corpo e sua pesada manta de flores e brim, neste velório, em que só o cristo tem razão no frescor de seus braços esticados e nos exíguos trapos que lhe ocultam sua parcela de homem, até o ventilador mira sua cruz na parede, como se compreendesse de hierarquias.

para o declive da poeira que ondula pela estrada, o prédio solene e uma música arriada, pares valsam sem coragem, novos demais, velhos demais, por enquanto mutilados de suas penúrias, num baile sem porquê, a arisca discordância de instrumentos maltratados, os músicos e a fadiga das três notas que dedilham, como espantalhos a afugentar bemóis que solfejam das botas e tamancos daquelas criaturas sem motivos para existir, um nada engastado num nada maior ainda.

entretanto, helena, é um estremecimento de rancor que me

roça o lombo, curtido pela impiedade das surras, quando me presto a incontáveis atividades, que apanho as compras da senhora da frente, que busco as encomendas do protético, que caminho com o poodle da madame, que barganho minha vontade de comprar um gravador, e o porquinho cada hora mais gordo. era emprestar a epiderme para seu desafio. até que, fariscando sua raiva, ouço-a esbravejar meu nome e, sem que desconfie, transfiro para fitas o ruído da fivela estigmatizando minhas costas, o desesperado ganido dos que a vida inteira nutrirão o remorso de sua covardia, e acho que isso explica os armários estufados com antiquados cassetes e creio inclusive que possa deduzir o significado daquelas indicações nas lombadas, aço¹, bronze², alumínio¹, latão³, quando, helena, iniciei um inventário de metais, que meu curso de engenharia só alcançou aperfeiçoar.

neste instante em que a lepidez renuncia à delicadeza de seu rosto, que a imponência de sua vida pronta resvala nos calcanhares e nas coxas de uma ladina pela qual seu pai se apaixonou, que a transcendente temperatura do seu martírio imprime uma tragédia definitiva em seu semblante, só lhe sobra o lugar-comum da memória, e essa rajada de escárnio embebida em doses dispersas de inveja renteia seu orgulho, quando perguntam de que experiências tanto se recorda aí, dessa altura simulada pelos dez centímetros de seu tamanco, pelo empinar do nariz e pela oportunidade que qualquer um tem de escoltá-la a um quarto, desde que logrou se passar por uma independente mulher de dezesseis anos?

enquanto a margem sedutora da escuridão encobre em seu breu a nova manada de gatos, enquanto do corredor espiono o arquejar coagulado de um casal no banheiro de minha casa, um resfolegar de calças, um arregaçar de vestidos, enquanto os abutres planejam a podridão de todos os bichos, as bostas das pombas, dos pardais, das rolinhas, as merdas de todas as

aves acasalam desesperadamente na varanda do barraco de meus avós, uma neve fedorenta a pairar no muro em que me sento sem nojo, enquanto o barulho rabugento, o conhecido retinir de bielas, anuncia a visita de meu tio, enquanto no prazer do sono o perfume do azeite de um isqueiro perfila a vitória esfumaçada do próximo cigarro de meu avô, enquanto tudo isso se passava, helena, você crescia alheia ao tráfego das horas.

para os flocos de terra que os pneus da moto projetam em minha camisa, aprisionado numa chuva empoada, o cacarejar de galhos secos deixando as árvores em saltos bruscos, para a prima e seu rosto manchado de maquiagem a elogiar os sapatos antiquados que acabara de ganhar, esse plácido sorriso que antecipava suas explosões, helena, não faz frente à potência persuasiva do espetáculo familiar a que assistia cotidianamente, horrorizado por presumir o que me tornaria mais tarde: essa adejante lagarta.

para o licoroso contrato dos bares, onde o vapor das conversas entala nos copos, nas garrafas faiscantes de cerveja, e sobretudo, helena, para o pesadelo exumado da vertigem a que se reduziu a verdade, a recorrência do espantinho, dos corvos esgrimindo seus bicos contra a grimaça das palhas, e uma borboleta agarrada ao seu nariz, em cada asa tatuado um olho, de modo que, helena, quando o vento atiçava o balé daquelas folhas e o tórax se prendia ainda mais ao rosto do boneco, era como se no abre e fecha, o palhaço procurasse enxergar as aves desfocadas, era como se, ao chacoalhar os retalhos da vista, pudesse enxotar seus carrascos, era o que podia ser feito com os pulsos algemados ao galho, o corpo sumarento e delicado de forragem e a passividade de quem nunca pôde desenterrar as próprias raízes e visitar novas plantações.

para as traças projetando seus túneis nas mofadas revistas de faroeste de meu pai, para o fila e sua docilidade de besta, para

seu nome, canhestra homenagem ao mal, vigorosa daninha: lúifer. e para sua asfixia. o cão e sua saliva a oscilar uma obediência insanável, o prendi ao tronco da mangueira, uma longa corrente farpada na coleira, a bacia entornando água na grama ao seu lado e um calor confinado na varanda e no quintal, e um carinho apressado em seu pelo, um debandar de pulgas, mas não era para brincadeiras, helena, não me atrai o mau-gosto da urgência, e dois dias depois, quando regresssei da viagem, um halo de moscas gravitava ao redor de seu crânio, um frenesi à tona da boca e os metros da corda enredados na árvore e não enxergaria mais a bacia onde estancar sua sede. até chegarmos aos seus, helena, um pequeno líbano transplantado para os arredores, eu venerava seu pai, e o ronco da sala estraçalhava o silêncio atrofiado de uma sexta-feira e ele acordava de sua indiferença para ralar com meu pequeno amigo, uma latência de rei exalava de suas palavras despachadas em um estranho léxico, *charra alaik sharmute*, e eu também senti naquele eco áspero e inflexível o contorno de uma advertência, enquanto você e suas tranças tremiam por trás dos vestidos de sua mãe, já empunhando seu masbaha e murmurando *alhamdu lil-lah allah akbar*, o pão sírio amorenando, o brunido agudo das azeitonas pretas, o celofane do pepino com coalhada *lában mah khiar*, o endiabrado adocicar do *tabine*, os dedos enterrados no *fatuche*, no tabule, a praticidade da sua família: menina bonita tem que casar com rapaz rico, não vai sofrer à toa. o zunido do rádio, um belicoso flamar de ondas forasteiras, e perigosamente hipnotizado pelo anis do *arak*, que me defendia do veneno da timidez.

ao barro das cidades rabiscadas no quintal, gigantescos basculantes numa estrada inventada, rodas de plástico perfurando as vias em viagens incansáveis, e a inocência não permitia condutores embriagados e as casas, cacos de telha, pedras, papelão e arames ferrugentos, sequer possuíam porta para isolar

seus moradores imaginários. os besouros, as saúvas, o mato adensando a poucos metros, a infinitude do terreno, enquanto o balido de um locutor repete o nome do próximo cantor do show de calouros, e o penteado de minha mãe equilibra-se em sua cabeça absorta, o fumegar das caçarolas derretendo a penúria das carnes de terceira, ah, helena, ai, ai, ai, helena, helena, era apenas sondar nossos pés engraxados pela neblina embutida no capim-cidreira, as manhãs besuntadas de brincadeiras e deste modo reluziam as coisas na opacidade exaltada da dor, esse gélido prever de incertezas, a partir do qual a fatalidade, helena, seria o imutável enxame de temores borbulhando em meu peito, o gado campeado pelos dedos vigilantes, palitos de fósforo rasgando o abdome acidentado das goiabas para a representação das pernas desses bois paralíticos e o plástico das miniaturas, marionetes em mãos descrentes, um regimento de insígnias plantado nas fardas e a severa presença de um senhor, o pirralho que vingava nos destinos de suas personagens as desgraças que ele próprio sofria.

um constante e fatídico rosar emanava do abandonado quarto dos fundos, em que escondiam, entulhado entre as velharias da casa, os genes, ossos e músculos amotinados de seu irmão. receavam uma difícil fuga, helena, que as grades improvisadas não resistissem à constância de suas investidas, que o tempero de seu humor se aliasse a um poderio milagroso, que as sinapses naquele cérebro impreciso findassem em um levante bem elaborado. sua vida, seu bem-estar, sua felicidade, sua saúde, nada simbolizavam para ninguém. um pastoso e agressivo húmus que o sêmen da natureza germinou em sua cabeça, uma debilidade agônica reunida por séculos de história familiar, em cuja extensão se realçam um tataravô epilético, um bisavô tantã, até ao limiar das gerações com um tio esquizofrênico e uma prima que vegeta numa dessas síndromes da moda, catalogada recentemente, séculos

depois de nutrida pela astúcia e mirabolância de seu corpo. ao projetor ejaculando numa tela descomunal as tolices dos trapalhões ou a violência dos *blockbusters* americanos, que engolíamos na acefalia da pré-adolescência, enquanto degustávamos uma bala de menta e assistíamos alertas aos ínfimos movimentos da púbere ao lado, na esperança de entrever, entre um e outro descuido, um naco de peito para compararmos aos das revistas proibidas, que furtávamos na banca do seu anastácio.

ao poleiro, helena, em que você transformou o ombro daquele gorila, a tatuagem carimbada em sua nuca a semelhar uma careta zombando de mim, o rosto emporcalhado de tinta amarela e verde, a matilha de preguiçosos cabulando aula na tentativa de esquecer a iminência do vestibular, enquanto trazia folgada a rédea da sensatez ao estrondear seu profuso conhecimento de línguas e políticas estrangeiras na palavra *impeachment*, como se o coro desarmônico da tribo assumisse a autoridade de diminuir a voragem de uma falange de parasitas, cujo suor pinga apenas no instante de mungir os cofres do congresso, entre uma e outra festinha em estrebarias públicas, em que nuas, circulam a bandalheira e diversas garotas de programa e o barítono entoia um *sole mio* de contorcer taças de cristal, entre um e outro *upgrade* do bordão de jk: cinco anos em cinquenta, entre uma e outra mordida nas deliciosas e rechonchudas pizzas de Brasília, entre uma e outra negociação de propina. resumindo: entre um e outro afazer.

de volta ao derradeiro esguicho de madrugada, à cabotagem das mãos na orla da mesa, à drenagem deste meu faro, que chega ao bacilo das coisas, de volta sobretudo ao gaguejar do clarim emplumado dos galos insones e aterrissar na planta desses quartos lavrados da crueza pegajosa que a luz se aproximando através das janelas lhes dá, onde, helena, ao imprimir uma volta na geringonça da maçaneta, encontro

um morcego encarcerado nos alvéolos do teto, as pálpebras preparadas para o ataque do sol, enquanto começa a flutuar um vento brando no pó das horas e o sono finalmente se ergue contra minha dor.